

# Pós-Keynesianismo: OS princípios

Via [The Next Recession](#)

Como as teorias econômicas marxista ou tradicional, a economia keynesiana tem várias vertentes. Há a economia keynesiana vista dentro dos parâmetros da teoria do equilíbrio geral, onde mudanças em renda e despesas, consumo e investimento, taxas de juros e emprego tenderão a um equilíbrio entre emprego e inflação, desde que não haja “choques” exógenos para a economia de mercado. Se os salários e as taxas de juros caírem o suficiente, então o pleno emprego e o crescimento do investimento serão alcançados.

Isto é o que Joan Robinson, uma seguidora de Keynes, chamou de “keynesianismo bastardo”. Ele removeu todas as características radicais da economia keynesiana, que, para Robinson, politicamente quase uma maoísta, o pleno emprego não poderia ser alcançado automaticamente nas modernas economias “de mercado”. Mais provavelmente haveria um equilíbrio de subemprego; e que isto seria devido à incerteza sobre o futuro para os capitalistas na tomada de decisões de investimento e à irracionalidade entre os ‘agentes’ econômicos como consumidores e capitalistas.

Esta visão radical da economia keynesiana passou a ser chamada de pós-keynesianismo (PK), com os principais proponentes sendo contemporâneos de Keynes como Robinson e Michal Kalecki, o marxiano-keynesiano; e mais tarde Hyman Minsky, o socialista-keynesiano. Agora existe toda uma escola de economia pós-keynesiana, com periódicos, conferências e grupos de reflexão.

A economia PK domina e influencia as opiniões e políticas da esquerda nos movimentos trabalhistas das grandes economias (Corbynomics, Sanders etc.) – é a ala radical da economia

keynesiana em geral, que por sua vez tem dominado o movimento trabalhista desde Keynes (exceto por períodos desde os anos 80, quando as teorias neoliberais do 'mercado livre' influenciaram os líderes trabalhistas por algumas décadas).

Em meu blog eu gastei muita tinta para explicar onde a economia marxista difere da economia keynesiana em todas as suas vertentes. Para mim, uma abordagem marxista da teoria e da política explica melhor a natureza do capitalismo e quais são as políticas certas para o movimento trabalhista adotar em sua luta contra o capital e por uma sociedade melhor para todos. Na verdade, acho que a economia keynesiana é um desvio para alcançar isso, principalmente porque sua análise do capitalismo está errada. Além disso, sua conclusão política é que o capitalismo pode ser corrigido ou administrado para trabalhar para todos com alguns ajustes políticos inteligentes.

A teoria PK, porque parece muito mais radical (na medida em que considera que o capitalismo não pode ser facilmente administrado para beneficiar a todos) e porque muitos de seus expoentes se considerariam socialistas (até mesmo marxistas), é, desta forma, ainda mais enganadora, pois se baseia em uma visão radical do keynesianismo, e ainda assim Keynes dificilmente foi o radical que os seguidores de PK pensam que ele era.

Portanto, deixe-me examinar mais uma vez as ideias básicas da economia pós-keynesiana.

Para isso, vou me basear em um post recente chamado "A Visão Mundial Pós-Keynesiana em Cinco Princípios", baseado em uma palestra que um 'Alex' deu ao Instituto Berggruen pelo Zoom.

Alex primeiro nos fala da crescente popularidade do 'pós-Keynesianismo' após o colapso financeiro global e a retração da COVID. Alex conta que se tornou popular porque "os mercados financeiros o adoram, porque faz um bom trabalho explicando

como a economia funciona, o que é útil se o seu salário depende da compreensão da economia”.

Não tenho certeza de porque os analistas financeiros aparentemente “adoram”, isso seja um bom motivo para concordar com a PK. Mas Alex continua explicando que PK “dá boa heurística causal para entender o impacto dos fluxos financeiros na produção, e na economia em geral”. Também aconselha o realismo sobre o impacto da política governamental nos resultados econômicos. A dívida pública e a dívida privada são diferentes, a oferta de dinheiro não causa inflação, a dívida privada deve eventualmente ser rolada e terá impactos reais se isso não for feito”.

Assim, segundo Alex, PK nos diz melhor sobre como a economia moderna funciona e por que a dívida (particularmente a dívida privada) é importante. Uma vertente da PK, a Teoria Monetária Moderna, nos esclareceu recentemente a todos sobre o funcionamento do dinheiro no capitalismo, segundo Alex, e como ele diz, “a MMT cresceu originalmente a partir da agenda de pesquisa pós-keynesiana, e muito de seu modelo econômico subjacente ainda é muito pós-keynesiano em estrutura”. Minha crítica ao MMT, portanto, também se aplica à PK.

Alex agora faz uma declaração interessante. “Em uma economia capitalista, a produção é feita com fins lucrativos e não para uso. Como tal, o valor é geralmente medido usando a convenção social de contabilidade. A produção acontece em antecipação aos fluxos de dinheiro, exatamente o mesmo que o investimento e o consumo. Nesta visão, as coisas valem seu valor contábil, mais ou menos, e os atores econômicos agem com base nestes valores contábeis. O que os pós-keynesianos pensam é que isto representa um bom ponto de partida para a teorização econômica, para utilizar as quantidades que os próprios atores utilizam”.

O que isso significa? Alex parece adotar o ponto básico da lei de valor de Marx: isto é, que a produção capitalista é para

lucro e não para uso social. E devemos medir o valor em termos de dinheiro, como fazem os capitalistas. Isto parece promissor. Mas então Alex passa diretamente a falar sobre fluxos de dinheiro e investimento e consumo. Não há mais menção ao papel do lucro, depois de nos ter dito que a produção capitalista é para lucro, e não para investimento ou consumo. Na minha opinião, isto é típico dos seguidores de PK. Eles dispensam muito rapidamente o lucro em suas explicações teóricas, como veremos a seguir.

Tendo dispensado o papel do lucro, Alex nos diz que devemos, em vez disso, considerar as economias modernas a partir de uma “visão baseada no balanço da economia como um todo”. Os atores individuais têm ativos e passivos, receitas e despesas. O ativo de alguém é o passivo de outra pessoa, e vice-versa. Tudo está inter-relacionado através do uso dessas convenções”.

Assim, passamos do motor subjacente das economias capitalistas: o lucro e o que está acontecendo com os lucros e a rentabilidade para “estudar o fluxo de pagamentos e a acumulação de ativos, não a alocação de recursos escassos para seus fins mais eficientes”. Um dos principais benefícios desta abordagem é que ela descarta alguns resultados impossíveis: nem todos podem administrar um superávit comercial, se houver um déficit comercial, seja o setor privado ou o setor público tem que administrar um déficit para financiá-lo”.

Assim, somos rapidamente reduzidos a macro-identidades na análise das economias, ou seja, renda = despesa; déficits e superávits dos setores público e privado; balanças comerciais, etc. Mas não o lucro ou as origens do lucro.

“Nosso próximo princípio é que tudo é expectativa”. Alex nos diz que um princípio-chave do PK é olhar para as ‘expectativas’. “As expectativas informam as ações, e estas ações, por sua vez, criam a realidade. Talvez o modelo mais simples do ciclo causal keynesiano seja dizer que a demanda esperada impulsiona o investimento, o investimento impulsiona

o emprego, o emprego impulsiona os salários, os salários impulsionam o consumo, o consumo impulsiona a demanda, e a demanda valida o investimento. A demanda esperada impulsiona o investimento, porque as empresas só investem em capacidade adicional ou contratam mais trabalhadores quando pensam que mais pessoas vão querer comprar seu produto no futuro do que no momento atual. Se eles esperassem a mesma demanda, ou menos, não haveria necessidade de investir de forma alguma. Eles poderiam continuar operando o mesmo equipamento”.

Portanto, aqui o temos. Afinal, o investimento sob o capitalismo não é impulsionado pelo lucro ou pela rentabilidade, mas por ‘expectativas’, e nem mesmo pelo lucro futuro, mas pela ‘demanda esperada’. Isto impulsiona o investimento que, por sua vez, leva ao emprego e aos salários.

Mas será esta a sequência causal na produção e acumulação capitalista? Em muitos posts anteriores, destaquei a equação macro-chave nas identidades pós-Keynesianas. Aqui está ela novamente.

Renda Nacional = Despesa Nacional

Renda Nacional = Lucros + Salários

Despesa Nacional = Investimento + Consumo.

Então Lucros + Salários = Investimento + Consumo

Se assumirmos que os trabalhadores gastam todos os seus salários no consumo e os capitalistas investem todos os seus lucros, obtemos:

Lucros = Investimento

De acordo com a teoria PK, é o Investimento que impulsiona os Lucros, e não o contrário. E a “Demanda Esperada” impulsiona o Investimento (diz Alex) e o Investimento impulsiona os Salários e Lucros.

Ou como disse Michel Kalecki, cuja equação é esta: “os trabalhadores gastam (Consumo) o que recebem (Salários); e os capitalistas recebem (Lucros) o que gastam (Investimento)”.

Na minha opinião, esta é manifestamente uma visão errada sobre a economia capitalista. Em vez de Investimento impulsionando Lucros como acima, a realidade é que os Lucros impulsionam o Investimento. Assim, o investimento capitalista não é resultado do nível de “demanda esperada”, ou de alguma visão psicológica inteiramente subjetiva dos investidores tendo o que Keynes chamou de “espíritos animais”, mas o resultado de uma medida objetiva de investimento anterior (e provável lucratividade). Mas, como com Keynes, a PK não quer colocar os lucros à frente, mas reduzi-los a uma consequência do investimento (ou, na realidade, escondê-los completamente da análise). Para saber mais sobre isto, leia o excelente capítulo 3 de José Tapia in World in Crisis.

Alex se refere ao trabalho de Hyman Minsky, um teórico da PK que dependia muito das “expectativas” para explicar as decisões de investimento. “Hyman Minsky fala muito sobre isto: se você acha que o preço de um ativo vai disparar, você começa a comprá-lo para ter lucro. Você pode até mesmo pedir dinheiro emprestado contra ele e usar esse dinheiro para comprar mais”. Conforme o preço sobe, a quantia que você pode pedir emprestado também sobe, e o preço começa a voar. Todo o episódio Gamestop do mês passado foi uma versão deste que utilizou opções de compra em vez de empréstimos de margem, mas o princípio é semelhante. O problema vem para Minsky quando o empréstimo é cortado: não há nada que suporte os preços e tudo cai. Às vezes, a operação de expectativas extremas pode criar falta de solidez nos mercados financeiros, o que pode ter consequências desastrosas para a economia em geral”.

Assim, de acordo com Alex (e Minsky), “expectativas extremas” criam uma “falta de solidez nos mercados financeiros” que faz com que toda a economia caia como no crash financeiro global de 2008. Mas por que tudo isso se desmorona depois de ter

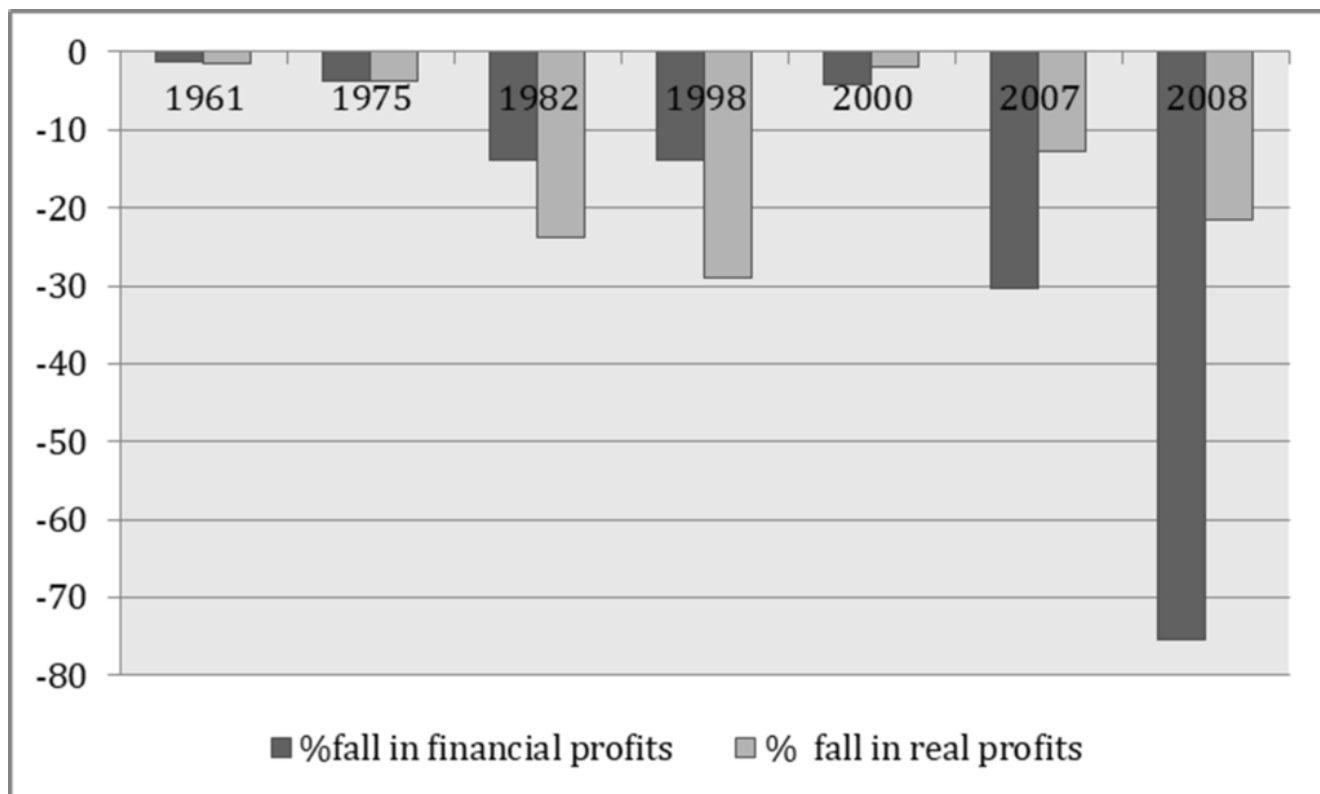
corrido tão bem – aparentemente por causa de “expectativas extremas”? Mas esta é uma resposta que só coloca a questão de por que as expectativas são boas em um momento e depois “extremas” em outro. O que as torna extremas?

Sem dúvida, os Minskyitas citarão a famosa frase de Minsky de que “estabilidade gera instabilidade”. Mas novamente, esta é apenas uma frase inteligente para cobrir o fato de que a teoria PK não tem uma teoria de crises financeiras, exceto que elas acontecem quando as coisas ficam ‘extremas’.

Em minha opinião, a teoria econômica marxista tem uma resposta. Ela se baseia em uma visão objetiva das leis do movimento sob o capitalismo, em particular, as mudanças na rentabilidade do capital produtivo (gerador de valor). Se a rentabilidade é baixa nos setores produtivos, os capitalistas tentam neutralizá-la de várias maneiras, uma das quais é investir no que Marx chamou de capital fictício. Mas os lucros financeiros ainda dependem da rentabilidade dos setores produtivos e se a rentabilidade cai ao ponto de que a massa de lucros ou novo valor (salários e lucros) cai, então surge uma crise no setor produtivo que flui para o setor financeiro. Eu e outros estudiosos marxistas fornecemos muitas evidências empíricas para explicar as recessões e, em particular, o colapso financeiro global e a Grande Recessão que se seguiu, não como um “momento Minsky” quando a estabilidade financeira se transforma repentinamente em instabilidade, mas como um “momento Marx”; quando os lucros caem ao ponto em que o valor dos meios de produção e do trabalho deve ser desvalorizado, incluindo os ativos fictícios.

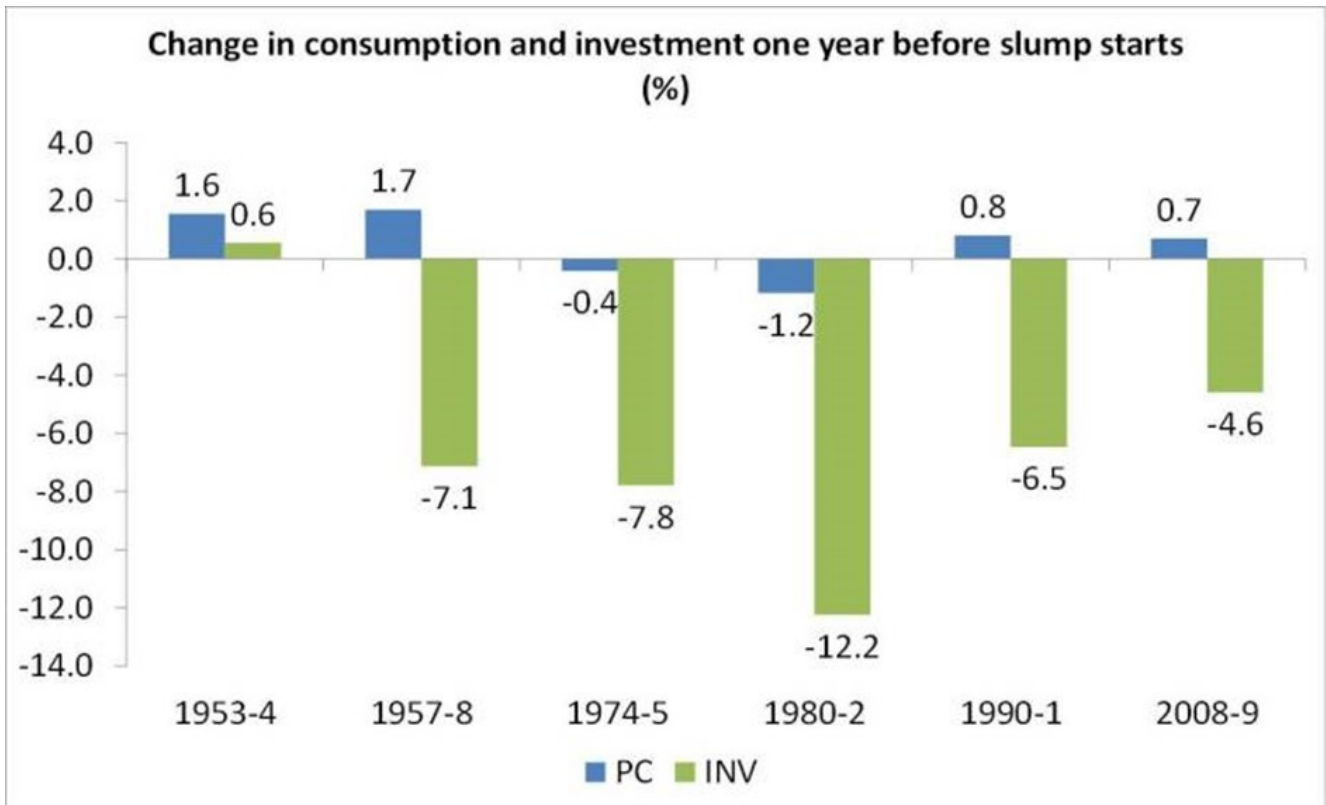
De fato, como mostrou G. Carchedi (ver gráfico abaixo), quando tanto os lucros financeiros como os lucros no setor produtivo começam a cair, ocorre uma queda econômica. Esta é a evidência das quedas do pós-guerra nos EUA. Mas uma crise financeira por si só (medida pela queda dos lucros financeiros) não leva a uma queda se os lucros do setor produtivo ainda estiverem aumentando. Veja Carchedi, páginas 59-62 Capítulo 2 de World

in Crisis.



No entanto, Alex continua com a visão da PK de que “a demanda cria oferta, ao impulsionar o investimento”. O investimento então cria tanto a poupança quanto o estoque de capital, enquanto o estoque de capital, por sua vez, cria recursos”. Mais uma vez, não há explicação para que a demanda abrande ou caia, levando a um colapso do investimento. “O consumo, não a poupança, impulsiona o investimento e ajuda a sociedade a se preparar para o futuro”, diz Alex. Mas a evidência empírica é o oposto. Em quase todas as recessões nos EUA desde 1945, foram os investimentos que mergulharam antes, enquanto o consumo dificilmente caiu. E, decisivamente, são os lucros que levaram o investimento a cair e a sair deles, e não o contrário.





Alex cita “Keynes menciona de forma muito famosa a “Fábula das Abelhas” na Teoria Geral. O mais rápido possível, a fábula conta a história de uma comunidade que proíbe o luxo e se encontra muito mais pobre agora que todos que costumavam trabalhar na produção de luxo estão desempregados”. Aqui temos o argumento ridículo oferecido por Keynes e o pastor reacionário do início do século XIX, Thomas Malthus, antes dele, de que sem os ricos gastando, haveria uma “falta de demanda” e as economias entrariam em colapso. Estas são palavras tranquilizadoras para os ouvidos dos bilionários proprietários das FAANGs, (além de empiricamente incorretas, pois muitos estudos mostram que os ricos tendem a economizar mais do que os pobres, como fizeram na queda da COVID).

Segundo Alex, o que está errado com as teorias alternativas de crise é que elas assumem que o investimento deve vir da poupança, de modo que o consumo deve ser restringido para permitir o investimento. “Na história Ricardiana, que ainda hoje é utilizada por marxistas e austríacos, o principal fundo para investimento é a poupança. A suposição é que a economia tem uma capacidade máxima a que normalmente está funcionando, e que o que não é consumido em um determinado período é

poupado. Para investir, a poupança tem que vir em primeiro lugar, portanto o consumo ipso facto tem que ser restringido para aumentar o investimento”.

Alex considera que Keynes destruiu esta visão com sua ideia do paradoxo da parcimônia. “Se todos tentam aumentar sua taxa de poupança, isso significa que estão reduzindo sua taxa de consumo. Se sua taxa de consumo diminui, então a renda das pessoas que vendem coisas para consumir cai”. O problema é que a produção total é definida pelo consumo e pelo investimento. Se o investimento permanece constante e o consumo cai, a produção total cai. A taxa de poupança sobe, mas somente porque agora todos estão economizando a mesma quantia em dólares a partir de uma renda mais baixa em dólares”.

Como diz Alex, a PK de Kalecki “olha para a mesma ideia do lado da empresa, e não do lado da família”. Se os empregadores minimizam os custos minimizando os salários em conjunto, eles acabam canibalizando a base de consumo da economia como um todo, que come em lucros”. Se você seguir o outro caminho, e deixar os salários subir, a taxa de lucro aumenta ao mesmo tempo”.

Há duas coisas aqui. Pode ser a opinião da escola austríaca que a poupança é necessária para o investimento, mas não é a da economia marxista. Não é a “poupança” que é necessária para o investimento, mas os lucros, ou a poupança capitalista. A poupança das famílias não é necessária para dar início ao processo de acumulação capitalista. O que se segue é que os lucros então lideram o investimento que, por sua vez, leva ao emprego, renda e finalmente ao consumo – o inverso da visão PK. O que é correto? Eu já citei as evidências.

De fato, não existe tanto um “paradoxo da parcimônia” ao estilo keynesiano, mas um “paradoxo da rentabilidade”, ou seja, à medida que os capitalistas se esforçam para aumentar sua rentabilidade individual através de investimentos em meios de produção e mão-de-obra, eles realmente reduzem a

rentabilidade geral da economia capitalista e eventualmente provocam uma crise.

O segundo ponto é que a teoria de Kalecki leva a uma visão eclética das crises. Às vezes são “conduzidas pelos salários”, ou seja, os salários e o consumo são muito baixos para sustentar o crescimento e às vezes são “conduzidas pelo lucro”, ou seja, os salários são muito altos e os lucros muito baixos para sustentar o crescimento. Mas os dois também não devem se encontrar. Não há uma teoria coerente das causas das crises regulares e recorrentes a cada 8-10 anos; às vezes é uma coisa e às vezes a outra.

Isso me leva às conclusões políticas da PK, conforme expresso por Alex. Alex não vê a necessidade de acabar com o sistema de produção e investimento do mercado. Em vez disso, é tarefa do Estado regular e contrariar as falhas e desigualdades da economia capitalista. Como Alex diz, “esta é uma elaboração da posição de John Kenneth Galbraith, que o estado é destinado a ser um “poder compensatório” para as empresas no mercado”. Se eles não gostam do impacto social da maneira como os atores privados estão governando os mercados, eles são mais ou menos capazes de intervir e mudar as coisas”. É impossível dizer que isto não é legítimo, porque o Estado é um dos muitos atores no mercado, mas também não é particularmente radical dizer que é legítimo”. Sim, não muito radical de todo.

Você vê para Alex e a PK, “Um mercado é apenas uma tecnologia administrativa que fornece aos atores um lugar para coordenar. Um sinal de preço é apenas um dos muitos que se obtém em um mercado que funciona bem”. Realmente, um mercado que “funciona bem”? Dificilmente deveria ser a visão da PK, certamente? Ou talvez seja.

Alex joga no lixo a teoria de classe do capitalismo moderno: “A ideia de que existe uma lógica global para todas as estruturas contingentes de governança de mercado a que se chegou através dos processos acima acaba fazendo a maioria das

análises mainstream, mas também a maioria das análises marxistas. Não existe uma “lógica” unificada subjacente do capitalismo, apenas uma série de estruturas de governança iterativas e concorrentes. Nenhum comportamento individual ou grupal é realmente proporcional ao comportamento estrutural emergente”.

Alex quer descartar a ideia marxista de que existem estruturas sociais específicas baseadas em diferentes modos de produção e classes baseadas nesses modos e estrutura. Para ele, a economia não é economia política, mas sim o estabelecimento de uma “tecnologia administrativa” para fazer o capitalismo funcionar para todos.

Assim, quando chegamos ao final da análise teórica, também acabamos com a mesma visão pró-capitalista do “keynesianismo bastardo” ou mesmo da economia neoclássica dominante. O objetivo da política que resulta da PK é regular o sistema capitalista e usar o Estado para “contrabalançar” suas falhas a fim de produzir um “melhor funcionamento do mercado”. Mas, mesmo Alex tem que admitir no final de sua explicação dos ‘princípios’ da PK, que “nenhum sistema regulatório é realmente definitivo, e o capitalismo nunca é realmente resolvido, o único objetivo é passar para o próximo”. De fato.